EFEMÉRIDES

Boanerges Facó

A câmara, clero, nobreza e povo da vila de Campo Maior (Quixeramobim), da comarca do Crato, declararam decaída a Dinastia Bragantina e proclamaram o govêrno republicano. Filgueiras assume o comando das fôrças da Província (9 de janeiro de 1824).

José Martiniano de Alencar embarca-se no Recife para a Capital do Ceará, onde aporta a 15 (12 de fevereiro de 1824).

As duas efemérides contidas no 2º Volume de "Datas e Fatos" para a **História do Ceará**, da autoria do Barão de Studart, página 9, não estão rigorosamente dentro da quinzena última de janeiro, mas estão compreendidas nos dois primeiros meses do ano de 1824, o que nos interessa no momento.

Dom João VI e dom Pedro I foram maiores para o Brasil que Bolívar, San Martin e outros generais da independência da América Espanhola, porque os dois bragantinos mantiveram a unidade política, assim como a unidade religiosa com apoio nos grandes evangelizadores do Novo Mundo: Anchieta, Nóbrega, Vieira e outros notáveis jesuítas. Mantiveram, assim, a visão imensa de dom João III, que, sem suportar uma comparação com dom Diniz ou com dom João II ou mesmo com o Venturoso, seu pai, teve a nítida compreensão da Unidade do Brasil, dando-lhe um govêrno geral, que, em boa hora, substituiu as capitanias hereditárias.

O absolutismo português, na dinastia de Bragança, que culminou no longo reinado, 1706-1750, de dom João V — o Rei-Sol de Portugal — a quem não faltou a célebre frase e a monumental construção: — Se o Bourbon dalém Pirinéus construiu Versalhes e proclamou: "O Estado sou eu", o Bragança daquém Galiza construiu Ma-

fra e teve por divisa: "Meu avô deveu e temeu, meu pai deveu, eu não temo nem devo".

Era o ouro do Brasil que se canalizava para o antigo **Portucale,** tornando dia a dia mais sensível, mais profundo o antagonismo entre a Metrópole e a Colônia. O surto de independência aumentava na razão direta da exploração das riquezas do Brasil pela ganância insaciável dos descendentes do Duque de Bragança e de dona Luíza de Gusmão.

A Renascença trouxera a sêde de liberdade que se forjara nos dez longos séculos da Idade Média — o laboratório dos tempos modernos, na opinião insuspeita de Augusto Comte.

Viera a revolução norte-americana, chefiada por seus grandes homens, Washington, Jefferson, Benjamin Franklin — o homem que subtraiu o raio à natureza, sem esquecer La Fayette que representou a eficiente contribuição da França contra a Ilha, consubstanciada na "Estátua da Liberdade", colocada na mais movimentada cidade do mundo.

O espírito nativista, que já havia se manifestado contra os "mascates" de Recife pelos "ruralistas" de Olinda e contra os "emboabas" de Minas Gerais, acentuou-se profundamente nos fins do século XVII em "Vila Rica", que tinha de contribuir com o **minimum** em ouro para os cofres da Metrópole, embora a mineração estivesse em plena decadência.

Os grandes poetas e prosadores da época, sob o signo — **Libertas quae sera tamen** —, formavam ao lado de Joaquim José da Silva Xavier, o "Tiradentes", que foi a alma da revolução fracassada e seu grande mártir, pois sofreu, na fôrca, a pena então aplicada aos piores celerados, tendo o seu corpo esquartejado para exemplo...

O absolutismo implantado na Colônia como um reflexo do da Metrópole, que provocou a revolução constitucional de 1820, fêz lavrar a revolta nos espíritos nativistas, sobretudo neste Nordeste calcinado e fecundo, que forma como que o coração da Brasilidade... Assim é que veio a revolução de 17, seguindo-se-lhe dentro em 8 anos a **república do Equador,** nas quais a "clemência" do marido de Carlota Joaquina e a "morte paternal" do irmão de dom Miguel causaram assombro e grandes dores.

Na primeira revolução, foram à fôrca o Padre Miguelinho, o Padre Roma e outros cuja coragem assombrou a justiça criminosa do Conde dos Arcos e intensificou os anseios de liberdade da Colônia. Essa revolta teve o seu centro de ação em Pernambuco, sem que o Ceará tenha deixado de prestar o seu notável contingente à causa da liberdade.

Na "república do Equador" o Ceará teve a parte de leão do movimento. Constituiu-se em "estado federado", depôs o "presidente

constitucional", proclamou o "gôverno republicano", organizou "juntas governativas", arvorou "bandeira própria" e elegeu seu presidente, o destemido Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, enquanto Paes de Andrade, em Pernambuco. se retirou da luta, como observa Araripe Júnior.

De 17 vieram Frei Caneca e Padre Alencar, sofrendo o primeiro a pena capital imposta por Pedro I que se mostrou na **república do Equador** uma alma de tigre, um contraste sem par com a luta que sustentou no Velho Mundo pela reconquista do trono de Portugal para dona Maria da Glória, contraste que sempre revelou na sua curta e afanosa existência: um misto de virtudes e de torpezas, de dignidade e de vilania, de herói e de doidivanas.

A fôrca se ergueu em vários pontos, e, quando não se encontrava quem enforcasse os patriotas, eram fuzilados por pelotões militares. O Padre Mororó e outros grandes mártires sofreram a pena última.

É que ao lado do elemento civil dos meios rurais sempre formou uma legião de padres e frades que pregaram, sofreram e morreram pela liberdade. Assim, em Minas Gerais, assim, em Pernambuco, assim, no Ceará.

Viriato Correia escreve:

> "Não há uma só das nossas revoluções políticas que não tenha à frente um frade ou um padre a bater-se pelo ideal da liberdade. Em todos os nossos movimentos liberais, lá está o padre e lá está o frade trabalhando e morrendo pelos princípios avançados" ("Terra de Santa Cruz" — Batinas liberais, 2ª edição, páginas 302-303).

A família Queiroz, nesses movimentos pela Liberdade, estêve sempre na brecha contra o absolutismo dos reis de Portugal, de "nosso rei", de nosso "rei cavaleiro", ao lado dos Alencares.

Por isso é que Rachel de Queiroz, a nossa grande cronista que substituiu a Humberto de Campos, como êste substituira a Olavo Bilac dos encantadores "Registros" diários da "Gazeta", do Rio, disse uma vez que só podia ter um temperamento revolucionário, pois nas suas veias corria o sangue "Alencar-Queiroz".

Convém que, antes, eu lance um olhar retrospectivo ao passado. Em 1630, quando era acesa a luta entre portuguêses, franceses e holandeses no Brasil, veio de Portugal Manuel Pereira de Queiroz, o primeiro ascendente da família Queiroz no Brasil.

Fêz-se comerciante em Recife e em 1641 transferiu a sua residência e domicílio para Goiana, onde se fêz fazendeiro e agricultor no sítio "Jacaré" e onde se casou na família Cavalcante Vasconcelos. Em 1687 veio para Goiana Antônio Duarte de Queiroz, sobrinho de

Manuel Pereira, que se casou com a prima e filha única do casal, Isabel Cavalcante Vasconcelos de Queiroz, como Ângela Cavalcante de Vasconcelos, filha única também do casal Felipe Brito Pereira da Rocha e de Joaquina Cavalcante de Vasconcelos, se casara com Manuel Pereira de Queiroz.

O casal Antônio Duarte-Isabel Vasconcelos herdou uma boa fortuna dos pais e sogros. E mais tarde Antônio Duarte, a conselho de seu compatrício Antônio Dias da Costa, comprou terras às margens do Jaguaribe e do Banabuiú, no Ceará, onde situou fazendas de criar e plantar. Passados alguns anos, em 1700, veio o casal Vasconcelos--Queiroz visitar as suas fazendas e ali morreram os dois, ficando-lhes na orfandade três filhos, entre estranhos. Em 1710 vieram para o Ceará outros portuguêses, entre os quais Inácio Pereira de Queiroz Lima, todos sobrinhos de Antônio Duarte, que mais tarde se casou com Francisca Cavalcante Vasconcelos de Queiroz, filha de Antônio Duarte. O casal Inácio-Francisca de Queiroz fixou residência na fazenda "Barro-Vermelho", à margem esquerda do rio Banabuiú.

Inácio Pereira teve muitos filhos entre os quais Francisco Pereira de Queiroz e Manuel Pereira de Queiroz, moços ricos, destemidos e violentos que causaram muito desgôsto aos pais, dizendo Antônio Cirilo de Queiroz, homem sem letras mas inteligentíssimo, que deixou um manuscrito "Genealogia da Família Queiroz", que isso lhes causara a morte.

Êsses irmãos Queiroz, afinal, foram presos e remetidos para o presídio de Limoeiro, em Lisboa. Ali conseguiram incorporar-se ao exército luso e foram combater na África, onde por atos de bravura foram promovidos ao pôsto de oficial do exército português. Francisco Pereira voltou à Bahia, onde contraíu núpcias com a viúva de um cidadão, de cujas mãos êle a arrancara, quando o primeiro marido lhe dava uma surra. E Manuel de Queiroz casou-se em Goa, vindo a ser avô de Eusébio de Queiroz Coitinho Matoso Câmara, grande estadista do Império, nascido a 27 de dezembro de 1812, em São Paulo de Loanda, na Angola, e bacharel da 1ª turma de Olinda, no ano de 1832.

Antônio Pereira de Queiroz, irmão mais velho de Francisco e Manuel de Queiroz, depois da morte dos pais em "Barro Vermelho". mudou-se para o Sitiá, no Ceará, acompanhado de dona Helena de Oliveira Maciel, sua mulher.

Antônio Pereira já encontrou, a morar na fazenda Quixinxé, Baltazar Lopes Barreira, o ascendente mais remoto, de meu conhecimento, do nosso ilustre consócio Dolor Barreira. Houve casamentos entre as duas famílias. Leandra Maria, filha de Baltazar, contraiu núpcias com Antônio Pereira de Queiroz Filho, os futuros donos da fazenda "Casa Forte"; o Sargento-mor José Lopes Barreira,

filho de Baltazar, casou com Isabel Maria de Queiroz, filha de Antônio Pereira; e houve ainda o casamento do Tenente Inácio Lopes Barreira, dono do "Tapuiará", com Joana Batista de Queiroz, filha também de Antônio Pereira de Queiroz.

Dêsses casais e de outros Queirozes surgiram os moços que tomaram parte nas lutas pela liberdade, no comêço do século XIX.

À causa republicana pela conquista da liberdade estiveram envolvidos Miguel Francisco de Queiroz e Manuel de Queiroz Lima Filho que acompanharam, em 1823, a Caxias, no Maranhão, Filgueiras e Tristão, tendo Manuel de Queiroz, em 1824, morrido no teatro da luta em Santa Rosa; Baltazar Lopes de Queiroz e Antônio Francisco de Queiroz Jucá, que escaparam à perseguição dos "imperialistas" e aguardaram a anistia em 1825; João Ayres da Silva Olival, José de Queiroz Lima e Pedro de Queiroz Lima, que cairam prisioneiros em Santa Rosa; Manuel de Queiroz Lima, pai, José Baltazar de Queiroz e outros membros da Família que estiveram nos campos da luta da liberdade contra o absolutismo.

Quando os Queirozes seguiram com Tristão Gonçalves para Santa Rosa, o malogrado presidente da **república do Equador** deixou a mulher e os dois filhos na fazenda "Casa-Forte", de propriedade de Antônio Pereira de Queiroz Filho, filhos que mais tarde foram Xilderico Cícero de Alencar Araripe e Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, que contava então três anos incompletos. Terminada a luta, com o sacrifício de Tristão Gonçalves, o meu trisavô, dono da "Casa-Forte", mandou deixar Ana Triste com os filhos ao irmão dela, Padre Lima Verde.

Meu Pai, José Baltazar Ferreira Facó, cujo centenário de nascimento o INSTITUTO DO CEARÁ comemorou a 24 de julho de 1947, referindo-se a êsses tristes, nobilitantes e longínquos acontecimentos, escreve:

> "Olinda — fazenda do Capitão Leonel de Queiroz. Pela manhã (23-8-1882), antes de partir para Quixadá, fui à Pedreira, como o havia feito na véspera, à noite, beijar a mão a meu avô materno Tte. Cel. Pedro de Queiroz Lima, ancião respeitável menos pela idade (tinha 86 anos) do que pelas virtudes e serviços prestados à causa pública, com brio, coragem e patriotismo que hoje mal se podem compreender nessas lutas heróicas, que enchiam de susto e terror as mulheres e crianças, e de que ainda conservo bem viva a recordação, pela narrativa singela e verdadeiramente inspirada de minha mãe que abrilhantaram a história do Ceará, nas primeiras décadas dêste século e que tenciono burilar" (Infelizmente não teve tempo para o fazer).

E prossegue meu pai:

"Às 8 horas da manhã (23-8-1882) parti para Quixadá.

"É sempre com emoção indefinível que me aproximo dessa vila, alva noiva do deserto, alegre como um beijo abrindo as asas setinosas sôbre uns lábios de rosa, linda como o lírio no meio dêsses sertões abrasados e poeirentos.

"Ao bater das patas do meu cavalo sôbre o chão de pedras, e à vista dêsses belos serrotes que coroam os campos e mergulham a fronte calva, como a dos patriarcas, no azul assetinado e profundo do céu, minha alma povoa-se de ilusões, parecendo ouvir o tinir das armas e descortinar na penumbra dos tempos que foram as ações heróicas daqueles de quem procedo; e eu sinto incendiar-se-me o mesmo sangue que lhes corria nas veias.

"Releio as fases dessas vidas, como as estrofes de um poema, em cada pedra do caminho, em cada leito dessecado das torrentes.

"Escalo o despenhadeiro, tomo lugar ao lado dêles na bela e espaçosa gruta do serrote da "Casa-Forte", verdadeira sala de armas no meio do sertão, onde sonhou-se a "República do Equador", como nas Astúrias — a liberdade da Espanha" (Comissão do Crato — "Protocolo").

Jáder de Carvalho, descendente dos Queirozes pelo lado materno, a propósito do livro de Esperidião de Queiroz "Antiga Família do Sertão", escreveu uma série de interessantes e bem elaborados artigos, no "Diário do Povo", nos quais qualificou os Queirozes de 17 e 24 de "extremistas do comêço do século 19".

Sim, com a diferença que êles eram adeptos do Evangelho de Cristo, enquanto os atuais o são do "evangelho" de Karl Marx Assim é que Antônio Pereira de Queiroz, tronco primitivo e comum dos Queirozes do Sitiá, no Ceará, teve em sua companhia cêrca de 20 anos, Frei Miguel de Santa Teresa, que lhe celebrava missa e lhe batizava os filhos.

Pensando-se no desprendimento, na bravura e na abnegação dessa gente do comêço do século XIX, quando "Vila Rica", "Santa Rosa". "Casa-Forte" e outros lugares constituíam trincheiras da Liberdade, e, comparando-a com os homens de nossos dias, cheios de ambições, de maldades, de torpezas, ressaltam-nos a degradação de caráter e a tibieza da vontade que avassalam o mundo atual...